



---

## Observação filosófica e contemplação poética das paisagens em Lucrecio

**Autor(es):** Pociña, Andrés

**Publicado por:** Associação Portuguesa de Estudos Clássicos; Imprensa da Universidade de Coimbra

**URL persistente:** URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/31840>

**DOI:** DOI:[http://dx.doi.org/10.14195/978-972-98142-2-8\\_20](http://dx.doi.org/10.14195/978-972-98142-2-8_20)

**Accessed :** 5-Feb-2018 09:48:36

---

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



# Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica e Heranças  
Contemporâneas*

Vol. II Línguas e Literaturas. Idade Média.  
Renascimento. Recepção

Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira,  
Paula Barata Dias (Coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

# OBSERVAÇÃO FILOSÓFICA E CONTEMPLAÇÃO POÉTICA DAS PAISAGENS EM LUCRÉCIO

ANDRÉS POCIÑA  
*Universidad de Granada*  
apocina@ugr.es

## Resumen

El paisaje, tanto físico como humano, es lógicamente un elemento esencial en los seis libros de *De rerum natura*, el poema sobre la naturaleza de Lucrecio. El poeta se ocupa con gran frecuencia de diversos paisajes, enfocándolos de forma distinta desde el punto de vista literario, cuando lo hace movido por un interés esencialmente filosófico o por un motivo estético. Se recuerdan brevemente tratamientos de paisajes en el poema lucreciano como encuadramientos (1. 1-25), para evocar la relación hombre y paisaje (1. 62-79), la relación mundo y paisaje (5. 783-796), algunos paisajes notables (2. 317-332), paisajes reales de interés (1. 716-730), y, por último, una aproximación al paisaje amado por Lucrecio (1. 926-930); 2. 29-33).

**Keywords:** landscape, Lucretius, philosophy, poetry.

**Palavras-chave:** filosofia, Lucrécio, paisagem, poesia.

## 1. Paisagens em *De rerum natura*.

“...Doch seine scharfe Beobachtungsgabe, seine fesselnde Argumentation und seine Sprachkraft haben nichts von ihrer Frische eingebüßt. Mehr denn je scheint es an der Zeit, den Dichter in Lukrez wiederzuentdecken. Es hat der römischen Poesie und dem lateinischen Wort geistige Höhen erschlossen, die für sie bisher unzugänglich waren...”<sup>1</sup>.

Regresso a uma leitura de Lucrécio com a mesma citação de Michael von Albrecht com que antes abri uma conferência sobre a paixão do poeta pelos animais, que apresentei no V Congresso de Estudos Clássicos, celebrado em Cádiz há menos de dois anos<sup>2</sup>. Também neste caso me move a concordância com o grande latinista alemão, quando afirma que ‘mais do que nunca parece ser este o momento de redescobrir em Lucrécio o poeta’, não sem acrescentar

<sup>1</sup> M. von Albrecht (1994), *Geschichte der römischen Literatur*. München, p. 254 s.

<sup>2</sup> “Otra lectura de Lucrecio: su pasión por los animales”, conferência apresentada no V Congresso Andaluz de Estudos Clássicos, Faculdade de Filosofia e Letras de Cádiz, Outubro de 2006.

que mais uma vez devemos procurar nele não apenas o poeta, mas também o filósofo, o ideólogo, o moralista, o homem íntegro. Esta é uma ideia que há muito já defendi num breve artigo de divulgação, em que unia Epicuro e Lucrécio sob a legenda ‘dois solazes sólidos para rematar um século agitado’<sup>3</sup>.

Devo confessar, antes de prosseguir a minha exposição, que a leitura que faço de Lucrécio, qualquer que seja o ponto de vista, não pode resultar neutra, imparcial, desapaixonada. A leitura comentada do *De rerum natura* foi, ao longo de muitos anos, uma das ocupações mais frequentes na minha já larga experiência como professor universitário; confesso, com franqueza, que nunca soube fazê-lo sem pôr nesta actividade muita paixão, muito afã, num esforço para transmitir às alunas e alunos, da melhor forma possível, o amor profundo que, desde sempre, senti por Lucrécio e pela sua obra. Neste momento em que eles não figuram, no meu programa de ensino, com a mesma duração e abrangência de outros tempos, aproveito qualquer ocasião que se me ofereça para reflectir sobre um ou outro aspecto concreto. Quando a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos e a Universidade de Évora entenderam contar comigo para o seu VII Congresso Internacional, centrado no tema ‘Espaços e Paisagens’, não hesitei, por um instante sequer, em ocupar-me do tema da paisagem em Lucrécio, de cuja importância tinha absoluta certeza, apesar de nunca sobre ele ter escrito ou publicado fosse o que fosse. Motivou-me ainda o facto de, apesar da abundante bibliografia existente sobre o poeta e respectiva obra, particularmente do ponto de vista ideológico<sup>4</sup>, não ter encontrado estudos específicos dedicados ao tratamento da paisagem no nosso autor.

No entanto, por pouco que meditemos sobre o conteúdo do poema lucreciano, resulta previsível que a paisagem ocupe um lugar de relevo numa obra que, essencialmente, e independentemente das múltiplas interpretações que sobre ela se possam emitir<sup>5</sup>, situa o eixo central do seu interesse na natureza. Os fundamentos do conhecimento na filosofia de Lucrécio são, como ele mesmo se encarrega de repetir em quatro ocasiões idênticas, *naturae species ratioque*<sup>6</sup>; assim, uma observação da realidade que nos rodeia, seguida

<sup>3</sup> A. Pociña (1998), “Epicuro y Lucrecio. Dos solaces sólidos para rematar un siglo agitado”, *Archipiélago* 34-35 158-162.

<sup>4</sup> Limito-me a recordar as informações bibliográficas de A. Dalzell (1972), “A Bibliography of Work on Lucretius, 1945-1972”, *CW* 66 (1972-1973) 389-427; 67 (1973-1974) 65-112; L. Perelli (1978), “Rassegna di studi lucreziani (1968-1977)”, *BStudLat* 8 277-308; C. A. Gordon - E. J. Kenney (1985), *A Bibliography of Lucretius*. Winchester, (1962 1ª ed.); S. Di Giovine (1983), “Lucrezio”, en ΣΥΖΗΤΗΣΙΣ. *Studi sull'epicureismo greco e romano offerti a Marcello Gigante*. Napoli, 649-677; bem como as excelentes bibliografias selectas que se encontram, por exemplo, em M. von Albrecht, *Historia de la literatura romana*, vol. I, cit., pp. 309-314; e G. B. Conte - L. Canali - I. Dionigi (eds.) (2000), *Tito Lucrezio Caro, La natura delle cose*. Milano, 57-75; etc

<sup>5</sup> Neste sentido, quero chamar mais uma vez a atenção, apesar do tempo transcorrido desde a sua publicação, para o precioso livro de B. Farrington (1965), *Ciencia y política en el mundo antiguo*, trad. esp. de D. Plácido Suárez. Madrid.

<sup>6</sup> Em concreto, segundo a ed. oxoniense de Bailey, em *Lucr.* 1, 146-148; 2, 5961; 3, 91-93; 6, 39-41, que oferecem, sem variantes, o seguinte texto:  
*hunc igitur terrorem animi tenebrasque necessesit/ non radii solis neque lucida tela diei/ discutiant, sed*

da reflexão filosófica sobre as noções percebidas, será o único meio e método válidos para atingir a verdade; mas tendo em conta a forma de escrever de Lucrécio, não imaginamos como poderia ele referir-se a essa *naturae species* sem recurso frequente à descrição da paisagem.

O que o nosso olhar percebe daquilo que nos rodeia pode traduzir-se em corpos simples, inanimados ou animados, ou então uns e outros em conjunto, no que compõe a nossa paisagem vital. Lucrécio ama com paixão essa realidade que constitui o objecto fundamental da indagação que faz; perante as paisagens que se oferecem aos seus olhos, adopta duas formas de comportamento claramente perceptíveis: a observação meramente filosófica ou a contemplação e descrição poética. Uma não é incompatível com a outra, pois a atenção filosófica dispensada à paisagem pode facilmente conduzir a um tratamento poético; do mesmo modo que o desenvolvimento poético de uma paisagem costuma ser o complemento e exemplificação idóneos de uma questão filosófica. Mas ambas as formas de tratar a paisagem resultam distintas conforme o ponto de vista literário que se adoptar: a observação filosófica da paisagem costuma realizar-se de forma racional, breve, sem adornos literários; enquanto a descrição poética de paisagens tem habitualmente um desenvolvimento mais amplo, com profusão de pormenores, maior riqueza de vocabulário e de recursos literários, insistência na exaltação dos elementos estéticos. Vejamos dois exemplos que podem evidenciar, melhor do que as minhas palavras, o que pretendo explicar:

a) Descrição meramente física da organização da paisagem natural, no contexto da explicação filosófica da realidade a partir dos pressupostos da física atómica, em 1.998 ss.:

*Por último, a nossos olhos é evidente que uma coisa limita a outra;  
o ar separa as colinas e, ao ar, os montes,  
a terra põe limites ao mar e o mar, por sua vez, a todas as terras;  
mas na verdade nada há que, por fora, marque os limites do todo.*

b) Em contrapartida, veja-se esta rápida, mas bem calculada descrição da mudança da paisagem com as estações, sublinhados os seus elementos mais positivos e mais belos através de uma adjectivação altamente poética (*uiuvida tellus, res teneras ...*) e outros recursos literários, em 1.174 ss.:

*Além disso, porque vemos abrir-se, na primavera, a rosa, as messes sob o calor,  
as vides a convite do outono,  
senão porque, quando confluem, no tempo próprio,  
as sementes do que existe, fica a descoberto tudo o que se cria,  
enquanto dura a bonança e a vívida terra  
com mão firme arranca, tenros, os seres às fontes da luz?*

Além desta primeira e elementar divisão, no *De rerum natura*, em paisagens de interesse filosófico e paisagens de interesse poético, seria possível, dada a abundância do material à nossa disposição, estabelecer um tipo de classificação das paisagens lucrecianas; poderíamos então falar de paisagens que enquadram um facto geral ou uma determinada situação (por ex., 1.62-79; 1.1-127); paisagens que servem de marco ao tratamento do homem (por ex., 1.208-214; 5.1241-1249); paisagens que acompanham uma reflexão filosófica concreta (por ex., 1.340-345; 1.998-1007); paisagens que correspondem à concepção lucreciana do *locus amoenus* (por ex., 1.926-930; 2.23-33; 3.18-24; 4.1-9; 5.1392-1396); etc. Não obstante, seria muito difícil encontrar uma classificação absolutamente convincente, pois fosse qual fosse a que se propusesse implicaria vantagens e inconvenientes vários; por isso, talvez seja preferível prescindir de classificações e centrarmo-nos na análise das paisagens de Lucrécio agrupando-as por semelhança de conteúdo ou de tratamento.

## 2. Paisagem como enquadramento no *De rerum natura*

Uma das paisagens mais chamativas, das muitas criadas por Lucrécio, é a que encontramos logo na abertura do *De rerum natura*, ou seja, a paisagem que assinala a surpreendente, sempre questionada e sempre debatida invocação a Vénus, com que o nosso autor decidiu começar um poema de concepção naturalista, claramente iconoclasta, que segregava os deuses como circunstâncias integrantes da realidade e da humanidade. Recordemos a dita abertura, tão polémica como formosa (1.1-25)<sup>7</sup>:

*Dos Enéadas mãe, tu que és de homens e deuses alegria,  
Vénus criadora! Tu, que animas o deslizar dos corpos celestes,  
o mar portador de navios, as terras produtoras de fruto,  
com a tua presença, já que é graças a ti que toda a criatura  
é concebida, nasce e contempla a luz do Sol!  
De ti, ó deusa, de ti fogem os ventos, fogem as nuvens do céu  
à tua chegada; é para ti que a terra laboriosa faz crescer  
as doces flores; para ti é o sorriso das vagas marinhas  
e para ti o céu aplacado resplandece, em jorros de luz.  
Logo que se revela a face da chegada da Primavera,  
e se soltam as auras criadoras de Favónio, ganhando vigor,  
são as aves nos ares que primeiro pronunciam o teu advento,  
ó deusa, de corações inflamados pelo teu poder;  
de seguida, as feras selvagens e o gado saltam sobre as férteis pastagens  
e passam a nado os ribeiros velozes – de tal modo os prende o teu encanto,*

<sup>7</sup> Tradução de A. de Mendonça Falcão, *Da Natureza das Cousas*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1890, *apud* M. H. da Rocha Pereira (2002), *Romana. Antologia da Cultura Latina*. Lisboa, 85. O facto de este texto, bem como o que será objecto da nossa atenção mais adiante, terem sido seleccionados pela ilustre professora de Coimbra na sua “Antologia”, facilita-me a possibilidade de utilizar neste trabalho a formosa versão de Mendonça Falcão.

*que cada um segue, cúpido, onde quer que te apresses a levá-lo.  
Depois, através de mares e montanhas e rios rapaces,  
das moradas frondíferas das aves e dos campos verdejantes,  
instilando a todos no peito a doçura do amor,  
fazes com que, segundo a sua espécie, com volúpia propaguem a raça.  
E, já que sozinha governas a natureza  
e que sem ti nada ascende às claras plagas da luz,  
nem nada se torna fértil ou possui encanto,  
é a ti que eu anseio ter por companhia ao escrever estes versos  
que sobre a natureza das coisas intento compor...*

Qualquer que seja a interpretação que se faça da presença de Vénus e da sua polissémica figura, está fora de questão que ela ocupa, a todo o momento, o centro da invocação em toda a sua extensão, do mesmo modo que a imagem da deusa faz confluír, para a sua posição central, os olhos atónitos de quem contempla a ‘Alegoria da Primavera’ de Sandro Botticelli na Galleria degli Uffizi de Florença, um quadro que sempre se relacionou com a Vénus lucreciana. Pois bem, não sabemos se uma leitura profunda e minuciosa da invocação nos deixa impressa no espírito sobretudo a imagem de Vénus, majestosamente descrita e ricamente adjectivada, ou antes a dos elementos animados e inanimados, configuradores de um quadro de natureza, que se movem em torno da deusa. Começar um poema épico com um louvor à divindade inspiradora era uma exigência da tradição do género desde os poemas homéricos; mas desenvolver, em dezenas de hexâmetros, uma imagem detalhada, e, como atrás afirmei, polissémica, da deusa a que se pede ajuda e inspiração, ou, mais ainda, incluí-la numa paisagem formosa, de que se supõe que ela é a causa, não tem precedentes na tradição épica anterior a Lucrécio. A adjectivação referente a Vénus, as acções que se lhe atribuem e que provocam a oração do poeta são fundamentais; mas não menos rica é a adjectivação referente à paisagem e aos seres que rodeiam a presença da deusa; fica-nos, assim, a dúvida sobre se o essencial é Vénus, que centra a paisagem, ou a paisagem que valoriza Vénus, tendo em conta que Lucrécio tenta ganhar a nossa adesão para penetrarmos nos caminhos apaixonantes, mas difíceis, do conhecimento da natureza.

A bibliografia sobre a invocação a Vénus que serve de pórtico ao *De rerum natura* é imensa, e não é este o lugar para a evocar, nem mesmo nos seus contributos mais destacados<sup>8</sup>. No entanto, não se encontra, na habitualmente citada, um texto fundamental, que consiste no parágrafo com que Augusto Rostagni encerra a apresentação de Lucrécio, na sua sempre excelente *Storia*

---

<sup>8</sup> Recordarei, mesmo assim, o livro fundamental de F. Giancotti (1959), *Il Preludio di Lucrezio*. Messina - Firenze, em especial a sua útil análise da bibliografia precedente em pp. 152-201. Veja-se ainda E. A. Hahn (1966), “Lucretius’ Prooemion with Reference to Sappho and Catullus”, *CW* 60 134-139; K. Kleve (1966), “Lukrez und Venus”, *SO* 41 86-97; E. Asmis (1982), “Lucretius’ Venus and Stoic Zeus” *Hermes* 110 458-470; etc.

della letteratura latina<sup>9</sup>. Vou reproduzi-la aqui por extenso, porque representa na perfeição o que pessoalmente penso sobre o sentido da introdução da paisagem da natureza, como contexto da invocação a Vénus, precisamente nos primeiros versos do grande poema:

*“Dunque, anche Venere, nel famoso proemio, è un puro e semplice nome, un pretesto, suggerito dalle necessità della dedica a Memmio, che nella dea, progenitrice dei Romani, aveva la sua patrona. In realtà non è la dea Venere quella che Lucrezio ci raffigura: sono le “belle d'erbe famiglie e d'animali”, sono gli astri rotanti nell'azzurro infinito, le navi che solcano i mari, le acque che ridono sotto la diffusa luce del cielo, le greggie che saltano per i pascoli rigogliosi e attraversano le rapide correnti dei fiumi, i fiori che ingemmano il suolo, l'alito d'amore e di vita che pervade l'universo in tutte le sue sensibili manifestazioni”* (p. 545).

Dispensa-se qualquer comentário: Lucrécio, com o pretexto da necessidade imposta pelo género literário de invocar uma divindade inspiradora, cria uma paisagem belíssima em si mesma, mas também animada por formosas criaturas, que estabelece como pórtico ideal do seu poema sobre a natureza.

### 3.Homem e paisagem

O amor à natureza move cada verso de Lucrécio, que vê na procura e no conhecimento da verdade sobre a realidade vital a nossa salvação. Mas nessa natureza há uma componente que, muito mais do que qualquer outra, desperta o amor apaixonado de Lucrécio: a humanidade. E utilizando um recurso inteligente, em tudo semelhante ao que vimos antes, isto é, tomando uma invocação a Vénus como pretexto para oferecer um quadro da natureza, pouco depois, nos vv. 1, 62-79, passo que a antiga tradição colhida pelos códices de Leyden<sup>10</sup> denomina *laus inuentoris*, Lucrécio apresenta, é certo, o primeiro dos elogios de Epicuro, baseado no apelo à sua valentia perante a força bloqueadora das crenças supersticiosas e na defesa triunfal da realidade, de modo a trazer a verdade, a libertação, ao género humano; pois bem, a impressão que deixa no leitor atento não corresponde precisamente ao retrato ideal do filósofo grego, mas sobretudo à paisagem humana em que se desenvolve o seu labor, a partir de um retrato, desolado e abatido do homem, pisado pela superstição, até ao aparecimento do homem libertado, que, por sua vez, domina a superstição. Trata-se de um dos quadros mais perfeitos que podemos encontrar no *De rerum natura* (1.62-79)<sup>11</sup>:

<sup>9</sup> A. Rostagni (1964), *Storia della letteratura latina. I. La Repubblica*. Torino.

<sup>10</sup> Recordemos que a divisão em capítulos que oferecem os livros de Lucrécio nos referidos códices, mesmo não sendo obra do poeta, parece remontar a uma época muito recuada, talvez mesmo o séc. II; em consequência, deve ter-se presente, porque reflecte, sob certos aspectos, a ideia de uma antiquíssima interpretação do desenvolvimento conceptual do *De rerum natura*. Cf. H. Fischer (1924), *De capitulis Lucretianis*. Giessen.

<sup>11</sup> Recorde-se o já clássico estudo deste passo em V. Buchheit (1971), “Epikurs Triumph des Geistes”, *Hermes* 99 303-323, agora publicado também em versão inglesa, “Epicurus’ Triumph



*Quando, abjecta, a vida humana jazia aos olhos de todos  
sobre a terra, oprimida pelo peso da credice,  
que das celestes regiões exibia a cabeça,  
impedendo sobre os mortais com tremendo aspecto,  
um Homem Grego ousou, antes de todos,  
contra ela erguer os seus olhos mortais  
e contra ela foi o primeiro a opor resistência.  
A ele não o deteve a fama dos deuses, nem coriscos,  
nem o céu com estrondos minazes, mas mais lhe acicatou  
do seu ânimo a acérrima força, para ambicionar ser o primeiro  
a arrombar as trancadas portas do acesso à natureza.  
Ganhou, portanto, a vitória a vigorosa força do seu ânimo,  
avançou muito para além das muralhas flamantes do mundo,  
e com a mente e o espírito percorreu a imensidade;  
daí regressa vitorioso, para nos ensinar o que pode ser  
e o que não pode; enfim, de que maneira cada coisa  
é sujeita a limites e bem enterrados os marcos que lhes põem termo.  
Eis porque a credice foi calcada aos pés, por sua vez,  
e a vitória nos faz subir até aos céus<sup>12</sup>.*

O quadro tenebroso que Lucrécio pinta nos primeiros quatro versos resulta magistral: a *vita humana* encontra-se na situação mais vergonhosa que imaginar se pode, não deitada ou estendida no solo, mas lançada, atirada (*iaceret*), o que resulta fisicamente inadequado, vexatório (*in terris*), vergonhoso (*foede*), causador de opróbrio porque acontece abertamente, à vista de todos (*ante oculos*); e como se não fosse já bastante, Lucrécio prolonga o desenvolvimento trágico, ao acrescentar não apenas que o homem foi atirado, como também está esmagado (*oppressa*), e não por um peso ligeiro, mas pela opressão grave e sufocante da superstição (*gravi sub religione*). Tudo isto condensado em dois versos, em que nada sobra ou falta. Em contrapartida, em outros dois, a imagem horrível da superstição, personificada como a mais terrível das gárgolas da catedral parisiense, exibindo a cabeça (*ostendebat*), com horrível carranca (*horribili aspectu*), ameaçava lançar-se, a qualquer momento, sobre os mortais.

Temos, portanto, a paisagem terrível, que por si só define e qualifica a situação da humanidade. Uma dezena de versos será suficiente a Lucrécio para apresentar e elogiar o labor libertador empreendido por Epicuro, sob forma de um *epilíon* minúsculo, capaz de conter a maior façanha épica, e logo, em dois versos apenas, a subversão total do quadro inicial: agora é a religião quem jaz sob os pés do homem, situação expressa por meio de *pedibus subiecta*, isto é,

---

of the Mind (Lucr. 1.62-79)", em M. R. Gale (ed.) (2007), *Lucretius: Oxford Readings in Classical Studies*. Oxford, 104-131. Também nesta coleção de trabalhos lucrecianos cuidada por Gale pode ver-se um comentário interessante deste passo em D. Kennedy, "Making a Text of the Universe: Perspectives on Discursive Order in *De Rerum Natura* of Lucretius", 376-396.

<sup>12</sup> Tradução de A. de Mendonça Falcão, *Da Natureza das Cousas*, cit., apud M. H. da Rocha Pereira, op. cit., p. 86.

com uma forma que evoca o terrível *iaceret* inicial, mas sem cair na repetição; e se antes de Epicuro essa *religio* oprimia, com o seu peso, o homem, agora é o homem, vencedor, quem tritura a superstição, como os grãos de trigo sob a pedra do moinho (*obteritur*). O triunfo do homem grego consistiu em igualar ambas as forças.

#### 4. Mundo e paisagem

À margem dos deuses e dos homens, a terra cria-se a si mesma, na sua origem, pela união dos átomos, e, por sua vez, provocará de modo semelhante a criação das espécies animais, como se de um ser racional se tratasse, o que a faz merecedora do nome de mãe. Esta bela paisagem que Lucrécio descreve no Livro V ilustra brilhantemente o nascimento da terra (5.783-796):

*No princípio a espécie das ervas e o verde esplendor  
foi a terra que o deus; ao redor dos cerrados e pelos campos todos,  
floridos brilharam os prados, verdejantes de cor,  
e às diferentes árvores outorgou-se depois, pelos ares,  
a magna contenda de crescer, soltas as rédeas.  
Tal como plumas, pêlos e cerdas primeiro despontam  
dos quadrúpedes, nos membros, e no corpo dos alados,  
assim também, nova, a terra ervas e arbustos primeiro  
fez brotar, e logo criou as espécies mortais,  
muitas, de muitos modos e por várias causas nascidas.  
Pois nem do céu ter caído podem os animais,  
nem os seres terrestres ter saído das salobras profundidades.  
Resta só que mereça receber o nome de mãe  
a terra, pois foi a partir dela que todas as coisas foram criadas<sup>13</sup>.*

‘Floridos brilharam os prados, verdejantes de cor’: num só verso tudo fica dito, ou seja, fica expressa a paisagem natural que Lucrécio concebe como ideal, que desenvolve poeticamente, que admira e ama. Trata-se de uma paisagem suave, de que estão ausentes as grandes elevações e os grandes precipícios, conformada por planícies e elevações ligeiras; podemos comprová-lo repassando a utilização constante, ao longo dos seis livros do *De rerum natura*, do substantivo *campus*<sup>14</sup>, ao lado do muito menos presente *collis*<sup>15</sup>, em alguns casos sugestivamente coordenados<sup>16</sup>; essa topografia sem estridências converte-se numa paisagem bela sobretudo graças à *cor*, em que predomina como base o *uiridis* dos campos, semeados com muita frequência por multicoloridas *flores*. Pensemos por um

<sup>13</sup> Trad. de Maria de Fátima Silva.

<sup>14</sup> Lucr. 1.18; 1.273; 2.5; 2.40; 2.324; 2.330; 2.332; 2.660; 3.1002; 4.389; 4.459; 5.488; 5.492; 5.603; 5.784; 5.952; 5.1373; 5.1375; 6.267; 6.405; 6.712; 6.736; 6.1142.

<sup>15</sup> Lucr. 1.999; 2.317; 2.322; 4.389; 4.578 *bis*; 5.784; 5.1373.

<sup>16</sup> Lucr. 4.389; 5.784; 5.1373.

instante que o interesse de Lucrecio pelas cores se manifesta de maneira muito chamativa em toda a sua obra, não apenas porque, como filósofo, o preocupe o problema de explicar que os átomos têm cor<sup>17</sup>, mas porque o colorido que as coisas adquirem lhe parece uma qualidade importante, mesmo se secundária na sua constituição; este é um aspecto que fica bem patente no registo das cores ao longo de todo o poema<sup>18</sup>, através de reflexões tão surpreendentes como aquela que o poeta faz a propósito da mudança de cor das pombas e das caudas dos pavões reais, de acordo com a luz que neles incide<sup>19</sup>.

Quanto às *flores*, também a presença frequentíssima que têm ao longo de todo o poema é a prova mais óbvia da paixão que Lucrecio por elas nutre, que, neste caso, vai muito mais além de qualquer interesse de índole filosófica: uma reflexão sobre Lucrecio implica comprovar que, além do filósofo, nos deparamos com um homem, e, para além do homem, encontramos um enorme poeta. *Flos, flores* são substantivos de constante presença nos hexâmetros lucrecianos<sup>20</sup>, na maior parte dos casos no seu sentido próprio, mas por vezes também em sentido figurado do que a vida tem de melhor<sup>21</sup>; o próprio poeta nos confessa o prazer que sente em colher flores frescas, *...iuuatque nouos decerpere flores* num interessante passo do livro I (v. 928), que repete no princípio do livro IV (v. 3), dando lugar - como com outras repetições - a uma das questões mais debatidas, quer seja a propósito das incongruências ecdóticas no nosso texto de Lucrecio, quer sobre o hábito lucreciano de repetir determinadas construções, ou mesmo passos completos, repetição que talvez tivesse corrigido, em certos casos, se tivesse submetido o conjunto da sua obra a uma correcção prévia à sua edição<sup>22</sup>. Simples ou dupla, aí está a confissão de Lucrecio sobre o seu amor às flores, que usa para criar a formosa imagem *uiridantis floribus herbas*, que também neste caso repete, num passo como complemento de *conspergunt* (2.33), e noutro de *pingebant* (5.1369). E, por falar de *flores*, lembremos o uso dos verbos *florere* e *florescere*, dos adjectivos *florens*, *florifer*, *floridus*, umas vezes para construir metáforas tão surpreendentes como a do cavalo brioso que floresce aos três anos de idade (5.884), ou a não menos bela do mar que, no tempo em que se

<sup>17</sup> Cf. Lucr. 2.730 ss.; a tradição cria em 2.755 um capítulo denominado COLORES NON ESSE, e em 2.842 outro que assinala especificamente ATOMOS NEC COLOREM NEC ODOREM NEC SVCVM NEC FRIGVS NEC CALOREM HABERE.

<sup>18</sup> Lucr. 1.767; 2.418; 2.501; 2.503; 2.679; 2.734; 2.736; 2.737; 2.743; 2.747; 2.749; 2.755; 2.757; 2.759; 2.764; 2.775; 2.776; 2.783; 2.786; 2.789; 2.793; 2.795; 2.797; 2.798; 2.907; 2.811; 2.813; 2.815; 2.818; 2.821; 2.823; 2.825; 2.828; 2.830; 2.832; 2.838; 2.842; 2.1005; 2.1030; 3.267; 4.74; 4.80; 4.95; 4.167; 4.243; 4.266; 4.492; 4.493; 4.707; 4.1033; 4.1094; 5.750; 5.785; 5.941; 5.1058; 6.205; 6.213; 6.526; 6.722; 6.812; 6.1109; 6.1112; 6.1188.

<sup>19</sup> Cf. Lucr. 2.799-804.

<sup>20</sup> Lucr. 1.8; 1.564; 1.900; 1.928; 2.33; 2.628; 2.848; 3.221; 3.770; 4.3; 4.1134; 4.1178; 5.671; 5.847; 5.1396; 5.1400; 6.787;

<sup>21</sup> Cf. *aeui florem* Lucr. 1.564; *aetatis florem* 3.770; 5.847.

<sup>22</sup> Cf., ainda as notas correspondentes nas edições comentadas de Munro, Giussani, Merrill, Bailey, Dionigi, bem como o comentário de Ernout y Robin, o estudo destes problemas em M. Bollack (1978), *La raison de Lucrèce*. Paris, p. 26 ss.; I. Dionigi (1988), *Lucrezio. Le parole e le cose*. Bologna, p. 105 ss.; etc.

prepara para nascer a escrita e a poesia, floresce com os seus barcos à vela: *tum mare ueliuolis florebat*<sup>23</sup>.

Neste passo tão formoso, que nos levaria gostosamente a um comentário sem fim, é-nos dito, sem quebra, que a natureza dá rédea solta ‘às árvores’ para que disputem, entre elas, uma corrida até às alturas

## 5. Algumas paisagens notáveis

Na pormenorizada enumeração de figuras de estilo que apresenta a *Rhetorica ad Herennium*, livro IV, ao referir a que dá pelo nome de *conmutatio*, oferece, entre outros exemplos, este tão interessante, cuja paternidade se atribuía ao poeta Semónides: *Poema loquens pictura, pictura tacitum poema debet esse*<sup>24</sup>. Anos mais tarde, Horácio resumiria tão sábia reflexão no começo de um hexâmetro da sua *Ars poetica*, que o curso do tempo havia de converter num famoso topos literário: *Vt pictura poesis*<sup>25</sup>. Não sabemos se Lucrécio, profundo conhecedor das duas literaturas, conhecia a frase de Semónides ou o exemplo de *conmutatio* da *Ad Herennium*; pelo contrário, é certo que, ao longo do seu poema, nos oferece exemplos excelentes de paisagens, de cuidado e delicado tratamento poético, que, se os lemos, naturalmente em voz alta, resultam num poema, mas que podemos também imaginar, agora sem voz, como uma tela. O traço das figuras converte-se em substantivos, o seu colorido fica por conta dos adjectivos; a actuação sugerida compete aos verbos, e sobre a sua adequação ao conjunto opinam os advérbios; Lucrécio sabia, ou melhor, intuía, antecipava, que o mais importante era a selecção e o uso adequado dos quatro tipos de palavras plenas da linguística estrutural para conseguir um bom poema, e sem dúvida sabia da sua correspondência numa realização pictórica.

Vejamos um exemplo excepcional: Lucrécio empenha-se em explicar a Mémio e aos romanos que este seu distinto amigo representa, que as coisas que vemos são formadas por um número infinito de partículas invisíveis e indivisíveis, que, por contacto, originam os corpos, mas que seguem depois em movimento contínuo, que acabará por lhes originar a morte. Filosoficamente parece muito correcto, mas é diferente convencer o leitor atónito de que todos os objectos que vê ou toca são formados por um conjunto de corpos minúsculos, em dança interminável. Pois bem, Lucrécio reconhece que o facto de não percebermos o movimento das componentes dos corpos é perfeitamente explicável, devido a um defeito de percepção, que nos impede de os ver; mais ainda, que, por vezes, corpos que normalmente vemos podem parecer-nos imóveis pela mesma razão. E para dar dois exemplos incontestáveis do que pretende explicar, ofereceu-

<sup>23</sup> Lucr. 5.1442, verso lamentavelmente de leitura muito difícil nas suas duas últimas palavras; Bailey lê *tum mare ueliuolis florebat + propter odores +*, colocando *inter cruces* a leitura dos mss, OQ, que fazem pouco sentido, mas que não se atreve a emendar.

<sup>24</sup> Rhet. ad Her. 4.39: “Um poema deve ser uma pintura que fala, e uma pintura um poema em silêncio”. Cf. Plutarch., *de glor. Athen.* 3, p. 346 F: ὁ Σιμωνίδης τὴν μὲν ζωγραφίαν ποίησι ν σιωπῶσαν προσαγορεύει, τὴν δὲ ποίησιν ζωγραφίαν λαλοῦσαν.

<sup>25</sup> Hor. *Ars* 361.

nos dois magníficos quadros: no primeiro, umas ovelhas a pastar no cume de um monte; no segundo, uns ginetes que simulam um combate violento. Eis como o poeta transforma animais e homens, a sua situação e movimentos em substantivos, adjectivos, verbos e advérbios em duas belas paisagens, que nos parecem muito distintas se contempladas à distância (2.317-332):

*Pois por vezes numa colina, tosando os alegres pastos  
serpenteiam felpudas ovelhas, até onde, chamando cada uma,  
as convidam as ervas perladas pelo recente rocío,  
e os cordeiros saciados brincam e com carinho se empurram,  
um conjunto que a nós, de longe, nos parece confuso  
e uma espécie de branco resplendor imóvel na verde colina.  
Além disso, quando grandes legiões em corrida  
encham a vastidão dos campos, realizando simulacros de guerra,  
um resplendor ergue-se ao céu e em volta, toda  
de bronze, resplandece a terra; sob os passos de valentes varões  
produzem-lhes os pés um ruído e pelo clamor os montes  
golpeados elevam as vozes até aos astros do mundo;  
revoluteiam em torno os ginetes e de repente  
atravessam pelo meio do campo, sacudindo-o com brioso ímpeto.  
Há, no entanto, um lugar no alto dos montes de onde  
parecem quietos, e haver, na planície, um fulgor parado<sup>26</sup>.*

*Vt pictura poiesis*: a paisagem das ovelhas no monte não pode exprimir-se de modo mais rápido nem mais formoso: o lugar é um monte baixo, *collis*, coberto de erva viçosa, ou seja, de verde, aspecto em que insiste primeiro a chamativa adjectivação *pabula laeta*, mas sobretudo quando nos é dito de forma muito poética que as ervas, cobertas de pérolas depositadas pelo rocío, chamam as ovelhas, convidam-nas, e elas respondem com movimentos coleantes. Não se pode dizer melhor, não se pode pintar melhor. E - porque não - o amor profundo de Lucrecio pelos animais anima-o a acrescentar a nota emotiva dos cordeiros que, saciados, se entretêm a brincar, como crianças<sup>27</sup>. Todo o quadro, de formoso colorido e de movimento animado, converte-se numa mancha branca brilhante, deposta sobre um verde altaneiro. Algo de muito semelhante se passa quando, do alto de uma colina, dirigimos o olhar para os soldados que, ao longe, se exercitam em marcha e a cavalo; o brilho que desprendem, na convulsão do seu vaivém, converte-se para nós num resplendor parado, graças à distância que nos separa.

---

<sup>26</sup> Trad. de Maria de Fátima Silva.

<sup>27</sup> Cf. o comentário que fiz sobre este mesmo passo em “Otra lectura de Lucrecio: su pasión por los animales”. conferência apresentada no V Congreso Andaluz de Estudios Clásicos, Cádiz, 2006, no prelo.

6. Paisagens reais de interesse

Não é frequente em Lucrécio a descrição de paisagens reais, embora encontremos algumas no *De rerum natura*, que o poeta refere sobretudo naqueles casos que detêm alguma característica particular, a exigir uma explicação adequada com base nos pressupostos da física atômica que nos propõe. Com frequência, Lucrécio desconhece paisagens distantes que lhe despertam curiosidade graças a estranhas características: tal é o caso da fonte próxima do templo do deus egípcio Ámon, no oásis da Cirenaica, cujas águas são frias de dia e quentes de noite<sup>28</sup>, ou a fonte ardente que existe no santuário de Dodona, no Epiro, que é fria, mas incendiária<sup>29</sup>, ou a fonte de Arados, na Fenícia, que emana água doce apesar de se encontrar no interior do mar...<sup>30</sup> A natureza dispõe de lugares onde ocorrem fenómenos que precisam de uma explicação racional, dado que são contrários à nossa experiência normal: o vulcão do Etna, com a evocação das suas erupções aterradoras<sup>31</sup>, ou o estranho comportamento do Nilo, o único rio que, ao contrário de todos os demais, cresce e inunda os campos durante o verão<sup>32</sup>; são, por assim dizer, paisagens que se tornam, sem dúvida, surpreendentes e que têm de entender-se sem recorrer a explicações sobrenaturais; razões porque Lucrécio se detém na sua descrição e consideração.

No entanto, não responde a nenhuma necessidade de consideração filosófica o famoso excursus sobre a ilha da Sicília, tratada com afecto e entusiasmo evidentes por Lucrécio, que a faz reluzir no livro I sem outro fim que não seja o de prestar homenagem a um dos seus filhos mais ilustres, Empédocles de Agrigento, precisamente no início de um passo em que lhe vai considerar as teorias (1.716-730)<sup>33</sup>:

*... entre os primeiros distingue-se Empédocles de Agrigento,  
que engendrou, no seu terreno triangular, a ilha  
que, flutuando com grandes declives, o mar  
Jónio rega em toda a volta, com o amargor das suas verdes ondas,  
e arrebatado pelo apertado estreito, o mar com elas, dos limites da ilha,  
separa as costas das terras de Itália.  
Eis a voraz Caríbdis, eis os rugidos do Etna  
que ameaçam acumular de novo a raiva das suas chamas,  
para vomitar outra vez, com violência, fogo pelas fauces*

<sup>28</sup> Lucr. 6.846 ss.

<sup>29</sup> Lucr. 6.879 ss.

<sup>30</sup> Lucr. 6.890 ss.

<sup>31</sup> Lucr. 6.639 ss.

<sup>32</sup> Lucr. 6.712.

<sup>33</sup> É, aliás, bem conhecida a estreita relação de Lucrécio com a filosofia de Empédocles, sobre a qual se pode consultar D. Sedley (1998), *Lucretius and the Transformation of Greek Wisdom*, Cambridge, esp. 1-34 (reproduzidas, com o título “The Empedoclean Opening”, em M. R. Gale (ed.) (2007), *Lucretius: Oxford Readings in Classical Studies*. Oxford, 48-87.

*e lançar ao céu de novo os fulgores da sua chama.  
E embora esta grande região pareça em muitos aspectos admirável  
ao género humano e se diga digna de ser visitada,  
opulenta em bens, dotada de homens valorosos,  
parece todavia não ter tido nenhum outro mais ilustre do que este verão,  
ou mais sagrado, mais admirável ou precioso*<sup>34</sup>.

É sabido que os romanos sentiam viva admiração ou, melhor ainda, carinho, pela Sicília, a sua primeira possessão extra-peninsular e a sua primeira província. Todos os romanos ilustrados, e entre eles o nosso Lucrécio, tinham uma consciência clara do quanto a cultura romana devia à influência grega, chegada através das cidades importantes da Sicília, desde há séculos, elas mesmo berço de grandes escritores e pensadores como os poetas Estesícoro e Teócrito, o orador Górgias, os filósofos Empédocles e Arquimedes, o historiador Timeu, etc. Quando Lucrécio escreve os versos que acabo de recordar, sem dúvida que se mantinha viva em Roma a imagem de Cícero, a defender com brio, no ano de 70 a. C., os Sicilianos, contra a corrupção do governador Verres, num processo que daria lugar à publicação das *Verrinas*, obra fundamental na produção oratória de Cícero e um canto de elogio da Sicília, das suas gentes, das suas belezas, dos seus bens culturais. Não parece demasiado arriscado pensar que Lucrécio tivesse tudo isto presente quando, no v. 726, apresenta a ilha como uma região *magna modis multis miranda* na opinião geral, expressão aliterante que se poderia empregar com toda a propriedade como magnífico reclame turístico, e, precisamente por isso, se considera a seguir que há que visitar a ilha. Muitas são as coisas boas da Sicília, na opinião de Lucrécio, os seus bens e os seus homens; mas, seguindo com o inventário dos atractivos da ilha, o filósofo assinala que nada houve nela mais glorioso, mais sagrado, mais admirável nem mais precioso do que o seu filho Empédocles de Agrigento. Uma vez mais, em Lucrécio, uma paisagem formosa serve de marco adequado para apresentar um homem formoso.

## 7. A paisagem amada por Lucrécio

Na linha da tendência inaugurada por Gneu Névio, no seu *Bellum Poenicum*, de introduzir o poeta no poema épico, não só como artífice, mas como mais uma personagem interveniente nas façanhas narradas<sup>35</sup>, tendência logo continuada por Quinto Ênio, que, sem recato, se apresentava abertamente no começo dos seus *Annales* como continuador latino de Homero<sup>36</sup>, Lucrécio surpreende-nos

---

<sup>34</sup> Trad. de Maria de Fátima Silva.

<sup>35</sup> Cf. Gell. 17.21,44-45: *Anno deinde post Romam conditam quingentesimo undeicesimo Sp. Caruius Ruga primus Romae de amicorum sententia diuortium cum uxore fecit [...], eodemque anno Cn. Naevius poeta fabulas apud populum dedit, quem M. Varro in libro de poetis primo stipendia fecisse ait bello Poenico primo idque ipsum Naevium dicere in eo carmine quod de eodem bello scripsit.*

<sup>36</sup> Cf. G. P. Pighi (1926), *Il proemio degli Annali di Q. Ennio*. Milano; J. H. Waszink (1950), "The Proem of the *Annales* of Ennius", *Mnemosyne* s. 4,3 215-240; R. Reggiani (1979), *I proemi degli An-*

a cada passo, ao longo do seu *De rerum natura*, irrompendo sem problema para expressar o seu modo pessoal de se posicionar em relação ao tema que trata. Eis a razão pela qual, quando lemos, com atenção, o nosso poeta, a sua personalidade se nos torna tão próxima, tão conhecida, e, em consequência, tão admirável e tão amiga, ou, para dizê-lo numa só palavra, tão nossa. O mesmo aconteceria se considerássemos o conjunto de múltiplos passos em que Lucrécio nos descreve paisagens, com o objectivo de saber qual era a paisagem que mais amava, a sua preferida, o seu *locus amoenus* por excelência. No entanto, essa reflexão torna-se desnecessária, porque há dois momentos no poema em que o nosso autor nos tira qualquer dúvida sobre a matéria, em 1, 926-930 e em 2, 29-33, dando-se a coincidência curiosa de que ambos voltam a aparecer uma vez mais, segundo já antes assinali, numa formulação, idêntica no primeiro caso, e com ligeiras variantes no segundo, em 4, 1-5 e em 5, 1391-1396.

No primeiro destes dois passos, Lucrécio manifesta-nos o orgulho que sente pela composição da sua obra poética, que compara a um ameno passeio por uma paisagem bela, nunca antes percorrida por outros pés, em cujas fontes bebe e de cujo campo colhe flores para tecer uma coroa. É fácil dar-mos conta de que nos encontramos perante uma paisagem campestre, florida, aprazível, que noutros lugares vemos tratada com grande elevação poética por Lucrécio (1.926-930, cf. 4.1-5):

*percorro os lugares distantes das Piérides por nenhum pé  
antes pisados. Agrada-me alcançar as fontes intactas  
e beber delas, agrada-me colher flores novas  
e buscar ali, para pôr na cabeça, uma ilustre grinalda,  
com que nunca antes as Musas, a ninguém, cingiram a fronte*<sup>37</sup>.

No segundo passo, Lucrécio coloca num lugar idílico, natural, sem artificios nem luxos palacianos, um grupo de amigos, sem dúvida de acordo com os preceitos do jardim. Muda apenas o lugar: é um espaço natural, um campo florido, nas margens de um rio, sob a ramaria de uma árvore corpulenta (2.29-33):

*... quando porém entre si estendidos em prado suave  
junto a um riacho, sob os ramos de uma árvore elevada,  
sem grande esforço, com prazer, de seus corpos cuidam,  
sobretudo quando o tempo sorri e a estação  
do ano tinge de flores as ervas verdejantes*<sup>38</sup>.

*nali di Ennio: programma letterario e polemica*. Roma; A. Pociña (1989), “Herencia griega y aportación romana en la épica de la República”, en *Actas del VII Congreso Español de Estudios Clásicos*. Madrid, 383-404.

<sup>37</sup> Trad. de Maria de Fátima Silva.

<sup>38</sup> Trad. de Maria de Fátima Silva.



Com leves e discretas mudanças voltam a aparecer estes versos em 5, 1391-1396, aí não para referir-se a um lugar de repouso e contemplação do sábio epicúrio, mas como ambiente em que supõe que os homens, de épocas primitivas, reunidos em plácido repouso e camaradagem, propiciaram a invenção da música.

Não vou tirar conclusões desta abordagem rápida da utilização da paisagem por Lucrécio. Volto, isso sim, ao começo da minha exposição, onde recordava a advertência de Michael von Albrecht de que ‘este é o momento de redescobrir, em Lucrécio, o poeta’, e acrescento que é também o momento para voltar a lê-lo, em busca do grande defensor da natureza, do grande enamorado da natureza, num mundo como o nosso que faz tudo o que pode para destruí-la.

*[Desejaria que constasse o meu imenso agradecimento à doutora Maria de Fátima Silva, professora Catedrática da Universidade de Coimbra, pela ajuda que me prestou ao redigir a versão portuguesa deste trabalho, e de forma assinalada pelas suas formosas traduções dos versos de Lucrécio]*